

Oficina de Escrita Criativa na Educação Terapêutica: um relato pedagógico

Creative Writing Workshop in the Therapeutic Education: a pedagogic report

TALES LANFREDI LAGO

Discente do curso de Letras (UFRGS)

E-mail: talesllago@gmail.com

Resumo: Este artigo é um relato pedagógico que busca compartilhar a criação e o desenvolvimento de uma oficina de Escrita Criativa (EC) feita em um espaço de Educação Terapêutica. Em um primeiro momento, utilizou-se do método bibliográfico para analisar os conceitos de Escrita Criativa, que é um tipo de oficina de escrita que foca em desenvolver a criatividade, e Educação Terapêutica, uma contribuição da psicanálise à educação. Em um segundo momento, apresenta-se a criação dessa oficina de EC, que usa como base leituras de Sigmund Freud e Paulo Freire e, logo após, são mostrados os resultados obtidos com a oficina na turma: diversos poemas. Por fim, espera-se que outros educadores dessa área do conhecimento leiam sobre a relevância da EC na Educação Terapêutica e apliquem em suas realidades laborais.

Palavras-chave: Escrita Criativa. Educação Terapêutica. Oficina de escrita.

Abstract: This text is a pedagogic report that aims to share the creation and development of a Creative Writing Workshop in a Therapeutic Education Center. Firstly, through a bibliographic method, it analyzed the concepts of Creative Writing, a model of a writing workshop focused on the development of creativity, and Therapeutic Education, a contribution from psychoanalysis to education. Then, the creation of this specific workshop is presented, using readings from Sigmund Freud and Paulo Freire as a basis. After that, some results are shown, and they are different poems written by the students. Finally, it is expected that other educators from this knowledge field read about the relevance of Creative Writing in Therapeutic Education and may apply in their own education centers.

Keywords: Creative Writing. Therapeutic Education. Writing Workshop.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Escrita Criativa é uma metodologia de oficina de escrita que surgiu no século passado e que desenvolve o trabalho do escritor a partir de sua criatividade. Suas práticas envolvem todos os gêneros literários, como o conto, o romance e o poema, a partir de técnicas criativas, podendo ser guiada por canções e imagens. Assim sendo, ganha espaço em ambientes escolares e acadêmicos como forma de escrever e criar, sendo sempre guiada por um(a) professor(a).

Este texto compartilha a criação e execução de uma Oficina de Escrita Criativa em um Espaço de Educação Terapêutica, com o objetivo de dividir os resultados obtidos para inspirar outros profissionais das áreas. Para isso, em um primeiro momento, o

artigo apresenta com mais detalhes a história das oficinas de Escrita Criativa e o conceito de Educação Terapêutica, que é uma ligação entre a educação e a psicanálise. Dentre a bibliografia utilizada para se criar a oficina, dois textos tiveram mais destaque: *A importância do ato de ler*, de Paulo Freire (1981), e *Escritores Criativos e Devaneios*, de Sigmund Freud (1996[1907]).

Na segunda parte do texto, encontramos relatos pedagógicos da oficina, em que são apresentados o processo de criação da aula pela visão do professor e os resultados obtidos, junto de algumas fotos da escrita dos estudantes que participaram. Dessa forma, consegue-se compreender uma das formas de se ministrar uma oficina dessa área da escrita, assim como entender melhor o conceito de educação terapêutica, auxiliando profissionais da área a aplicarem em suas próprias realidades educacionais.

2 REVISÃO DE LITERATURA

“Todo mundo é capaz de desenvolver a competência da escrita” (DI NIZO, 2008, p. 9). Essa afirmação foi feita pela autora após participar como estudante, e também no papel de ministrante, de diversos cursos de escrita textual ao redor do mundo. Dentre a criação de diversas técnicas de escrita nas últimas décadas, surge a Escrita Criativa (EC) nos Estados Unidos, uma oficina de escrita que prepara pessoas para a escrita de textos de diferentes gêneros, usufruindo de sua criatividade pessoal para o ato de escrever. Pode-se ver em Siqueira (2016) o tratamento sobre “Escrita Criativa”; o autor analisa o texto de Luiz Antonio de Assis Brasil (2015):

[...] essa expressão, na cultura letrada atual, é aceita como a escrita de uma obra literária de qualquer gênero. É diferente, por exemplo, da escrita administrativa e jurídica. Além disso, a EC é sempre declinada num ambiente de ensino e aprendizagem, seja informal, seja acadêmico. (SIQUEIRA, 2016, p. 19).

A EC é uma área de cursos de Linguagens ao redor do mundo e representa “o termo usado para o exercício de escrita com domínio da criatividade” (BUCHHOLZ, 2014 *apud* SIQUEIRA, 2016, p. 8). Machado (2012, p. 2) enriquece a pesquisa sobre a EC trazendo outra definição:

A Escrita Criativa pode ser entendida como um conjunto de métodos que visam criar o prazer pela escrita. O professor deve ser um colaborador nesse processo e proporcionar em sala de aula atividades enriquecedoras e estimulantes, usando diversas estratégias de ensino/aprendizagem.

Como visto nas citações acima, e por ser uma área de estudo geralmente em ambientes escolares ou universitários, as oficinas são ministradas por professores(as) aptos a estimular a criatividade de estudantes por meio da escrita.

Em um panorama histórico, o primeiro programa notório de EC, segundo Luiz Antonio de Assis Brasil (*apud* SIQUEIRA, 2016), se deu em 1936 na Universidade de Iowa, nos EUA. Logo se espalhou pela Europa e chegou ao Brasil veementemente na década de 70, na UnB, com um ciclo nacional de oficinas literárias (SIQUEIRA, 2016). Atualmente, um dos mais populares e procurados cursos de Escrita Criativa no Brasil está sendo ministrado na PUCRS (SIQUEIRA, 2016,), em Porto Alegre, no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade. Conforme o sucessivo sucesso dessa área ao redor do mundo e no Brasil, cada vez mais o número de oficinas e cursos aumenta.

Segundo Lobão (*apud* SIQUEIRA 2016, p. 28), uma oficina de Escrita Criativa possui seu “foco em desenvolver a criatividade de escritores e roteiristas”. Então, é esperado que a pessoa intitulada a ministrar esse trabalho seja capaz de equilibrar ambos os conceitos em seus resultados práticos: a Escrita e a Criatividade na mesma oficina. Conforme Lamas e Hintz (2002) (*apud* SIQUEIRA 2016, p. 19),

[...] o método dessa oficina seria o de usar técnicas e motivações específicas no campo da criatividade para desencadear a criação do texto literário; e a palavra “oficina” pode ser entendida como a organização de encontros ou de determinado ambiente para ser exercido e praticado um ofício: neste caso, o ofício de escrever criativamente.

Em Machado (2012), vê-se a relevância que o professor possui dentro de uma oficina de EC. A autora alimenta esse argumento trazendo um ponto visto na publicação prévia de Matias (2007), que discorre sobre a função do(a) professor(a) e do conceito da oficina, e apresenta dicas práticas para auxiliar o leitor sobre o funcionamento da EC e como pode se dar o desenvolvimento dessa:

Um ambiente favorável, com silêncio ou com música gera uma atmosfera calma; ter à mão muitos elementos de suporte, como livros, objetos, pinturas, etc., são requisitos que despertam o aluno para a criatividade. Facultar situações de aprendizagem estimula o aluno e desenvolve aptidões escondidas que se revelam através de debates, de projetos, de leituras ou de pesquisas (MACHADO, 2012, p. 15 *apud* MATIAS, 2007, *online*).

Dessa forma, entendemos que o objetivo de uma oficina de EC é o de materializar a criatividade através da escrita, com o auxílio de um profissional apto que guie o processo através de diferentes dinâmicas. A Oficina de Escrita Criativa, relatada neste artigo, em sua próxima seção, deu-se em um Espaço de Educação Terapêutica. Uma vez que a oficina foi moldada a partir da perspectiva da Educação Terapêutica, se faz importante entendê-la, para melhor compreensão posterior da forma como foi aplicada e desenvolvida.

A Educação Terapêutica é uma contribuição da Psicanálise à área da educação. Ela pode ser definida como um conjunto de práticas cujo objetivo é incluir crianças e

adolescentes com algum Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD) dentro do sistema de ensino. Em Dalmoro e Silveira (2020, p. 55), vemos que “A Educação Terapêutica tem sido uma estratégia cada vez mais utilizada na última década, visando à inclusão de crianças com necessidades especiais dentro do ensino regular”.

Para a Psicanálise, a educação é o instrumento que constrói o sujeito (KUPFER, 1997). Essa autora também escreveu sua visão sobre a conceitualização da Educação Terapêutica, e que é transcrita para auxiliar o(a) leitor(a) a uma compreensão abrangente dessa prática:

[...] um conjunto de práticas que aliam educação e tratamento para crianças com graves distúrbios de desenvolvimento, ou se quiserem, crianças cuja posição na rede da linguagem, cuja inscrição no registro simbólico apresentam falhas ao ponto de ficar comprometida a sua constituição subjetiva, sua relação com o outro e sua circulação no campo social: psicóticas, autistas, sindrômicas, ou algumas portadoras de deficiências para quem tais falhas simbólicas acabam por se instalar (KUPFER, 1997, p. 57).

Assim sendo, a Educação Terapêutica consiste em um conjunto de práticas que se aplicam ao espaço educacional de pessoas com algum TGD para um aprendizado que o identifique como sujeito. Uma vez que frequentemente esses estudantes são marginalizados pela sociedade e não têm sua opinião validada, a Educação Terapêutica surge como uma “tentativa de recriar novamente a verdadeira essência de uma personalidade” (CALLEGARO, 2014, p.7), fornecendo escuta e compreensão no ambiente de aprendizagem. Em Callegaro (2014), lemos que um dos pilares cruciais está no(a) professor(a) e a forma como esse profissional propicia o ambiente em sala de aula.

O autor defende uma convivência aluno(a)-professor(a) acompanhada de empatia: “Neste processo da convivência que sente o outro, o(a) educador(a) terapêutico vivencia imediatamente a necessidade da criança” (CALLEGARO, 2014, p. 117), pois “a exigência à criança se encontra em relação à exigência que o educador terapêutico se coloca a si mesmo” (CALLEGARO, 2014, p. 118). Podemos entender que, nessa perspectiva, o(a) estudante se vê refletido no trabalho do(a) professor(a).

A criação de um ambiente saudável para o aprendizado também se faz de notória relevância. Dessarte, o(a) educador(a) “evoca em si um determinado estado de ânimo, uma determinada postura, complementar à da criança” (CALLEGARO, 2014, p. 117). Nessa etapa, podemos relacionar com o que foi dito anteriormente em Matias (2017) sobre a influência do ambiente na oficina de Escrita Criativa. A utilização de canções ambientes, diferentes imagens e dinâmicas ativas, ou seja, a ambientação da sala de aula juntamente com a postura do profissional oficinairo são pilares definitivos para a prática da Educação Terapêutica.

Ainda em Callegaro (2014, p. 118), temos uma ilustração dos aspectos citados sobre a Educação Terapêutica:

Todo aprendizado, em especial o da criança necessitada de cuidados anímicos, é aprender pela experiência, pelo próprio fazer. Do fazer concreto se chega à ideia cognitiva, portanto ao aprender. O educador e professor estão ao lado da criança, prevendo a tarefa e tateando as possibilidades da criança.

Assim como a Escrita Criativa também é pautada no criar, no transformar a imaginação em linguagem, ou seja, na materialização do pensamento, a Educação Terapêutica cria seu diálogo com essa oficina de escrita no modo de aprender. Finalizando, a Educação Terapêutica não é centrada em diversos conceitos científicos nem composições complexas (CALLEGARO, 2014), mas em enxergar o aluno como sujeito. As práticas se dão no ambiente saudável de aprendizado e no fundamental papel do(a) professor(a), para que a ação garanta os resultados pretendidos.

A partir dos estudos revisados anteriormente sobre o que são e como se fazem a Escrita Criativa e a Educação Terapêutica, seguimos agora para a próxima seção do texto, que se refere à oficina específica ministrada no Espaço de Educação Terapêutica Casa Vida, Porto Alegre, no segundo semestre de 2021.

3 RELATO PEDAGÓGICO DA OFICINA DE ESCRITA CRIATIVA

A Oficina de Escrita Criativa ministrada no Espaço de Educação Terapêutica Casa Vida se deu em 20 (vinte) encontros presenciais durante um semestre. Cada encontro teve a duração de duas horas e, no total, quatro estudantes participaram das atividades. Duas leituras guiaram as primeiras conversas sobre essa atividade: “Escritores Criativos e Devaneios”, de Sigmund Freud (1996[1907]), e “A importância do ato de ler”, de Paulo Freire (1981).

No primeiro texto citado, o de Freud ([1907] 1996, p. 80), alguns pensamentos do pai da psicanálise foram fundamentais para a confecção da oficina. Em aspectos gerais, ele relaciona o ato de escrever criativamente com o brincar infantil. Ele conceitua “devaneio” como os castelos no ar criados [...] pela criança que cresce e para de brincar. Ou seja, a fantasia:

Da mesma forma, a criança em crescimento, quando pára de brincar, só abdica do elo com os objetos reais; em vez de brincar, ela agora fantasia. Constrói castelos no ar e cria o que chamamos de devaneios.

Lembrando a seção anterior do artigo, em que a Educação Terapêutica é fundada na Psicanálise e seu objetivo é ver o aluno com TGD como sujeito, vale comentar que Freud ([1907] 1996, p. 82) desenvolve sua opinião sobre atividade imaginativa, em que “O trabalho mental vincula-se a uma impressão atual, a alguma ocasião motivadora no presente que foi capaz de despertar um dos desejos principais do sujeito”.

O autor finaliza, então, trazendo que “a obra literária, como o devaneio, é uma continuação, ou um substituto, do que foi o brincar infantil” e que, enquanto lemos o devaneio dos outros, “deleitamos com nossos próprios devaneios” (FREUD, [1907] 1996,

p. 84). Aplicando-se novamente ao estudo sobre Educação Terapêutica, a função do professor, que se faz crucial nessa prática, é de entender que existe um inconsciente que age em devaneios através das palavras escritas pelo escritor criativo, neste caso, os alunos da oficina.

No segundo texto, de Paulo Freire (1981, p. 17), uma reflexão que o educador brasileiro traz nessa obra é a de que não há escrita sem a leitura. Segundo o autor, o ato de ler e de escrever são indicotomizáveis. Com isso, como cada encontro da Oficina de Escrita Criativa aqui descrita buscava desenvolver um conteúdo, sempre se fazia com base em uma leitura conjunta, a fim de não só relacionar as duas habilidades (leitura e escrita), mas também inspirar a criatividade dos alunos a partir delas.

Por exemplo, em uma aula com o objetivo de estimular a criatividade a partir da expansão de vocabulário, trabalha-se com sinônimos e antônimos. Para isso, o livro de Fernanda Lopes de Almeida e Alcy Linares, “Pinote, o Fracote e Janjão, o Fortão”, edição de 2019, foi lido em aula. Outro exemplo é o de um dos encontros sobre rima e consciência fonológica (ao total, foram quatro encontros sobre essa temática), e foi visto conjuntamente “O Chapeuzinho Amarelo”, edição de 2019, de Chico Buarque e Ziraldo. Sempre uma leitura prévia guiava a análise sobre o conteúdo que seria escrito.

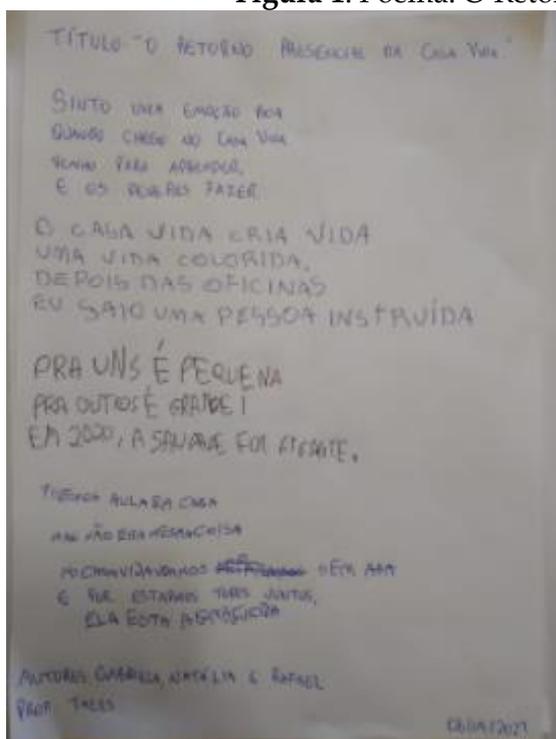
Outro ponto relevante do texto de Freire (1981, p. 11) é a passagem: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Interpreta-se que a gente conhece uma palavra que dá um significado a algo que o aluno já conhece. Relacionando-se com o texto de Freud e o contexto geral da Educação Terapêutica, o professor buscou enxergar nos alunos a relação que eles criavam com os vocabulários novos, o que lhes vinha à mente e quais os seus julgamentos sobre o uso daquele vocábulo, exemplificativamente.

Foi com essas ideias apresentadas que os encontros foram planejados e realizados. Em sequência, compartilharam-se alguns relatos em imagem e escrita sobre o resultado positivo de diversos encontros com o que foi proposto anteriormente. Ao final, foi realizado o I Sarau Literário do Casa Vida, em que os alunos leram em voz alta suas criações literárias para familiares e amigos presentes. Para preservar a imagem dos alunos, não será feito o compartilhamento de imagens do sarau.

No primeiro encontro, no qual foram vistas as rimas e a consciência fonológica, em 3 de setembro de 2021, com base em “O Chapeuzinho Amarelo”, foi criado um poema intitulado “O Retorno Presencial da Casa Vida”. Com a discussão sobre as rimas, foi proposta a criação de um poema rimado sobre o que os(as) estudantes sentiram com o recente retorno das aulas presenciais, que se deu no início do segundo semestre, com o(a)s aluno(a)s já vacinados. O tema foi escolhido por ser um sentimento em comum entre os quatro alunos.

Após leitura conjunta do livro, emitimos nossas opiniões sobre a história e identificamos as rimas no texto. No próximo momento, relacionamos com o que sentimos com relação ao retorno presencial das aulas e escreveu-se uma lista de palavras sobre o que cada um considerava importante. Fez-se um sorteio de palavras e cada um teria que encontrar uma rima com a palavra sorteada. Após esse exercício, houve uma escrita em conjunto de um poema, exposto na Figura 1. De um lado, o original escrito à mão e, do outro, a transcrição:

Figura 1: Poema: O Retorno Presencial da Casa Vida



“O Retorno Presencial da Casa Vida”

Sinto uma emoção boa
Quando chego no Casa Vida
Venho para aprender
E os deveres fazer

O Casa Vida cria vida
Uma vida colorida
Depois das oficinas
Eu saio uma pessoa instruída

Pra uns, é pequena
Pra outros, é grande
Em 2020, a saudade foi gigante

Tivemos aula em casa
Mas não era a mesma coisa
No Casa Vida, voamos sem asa
E por estarmos todos juntos
Ela está agradecida.

Fonte: produção textual dos estudantes da pesquisa, 2022.

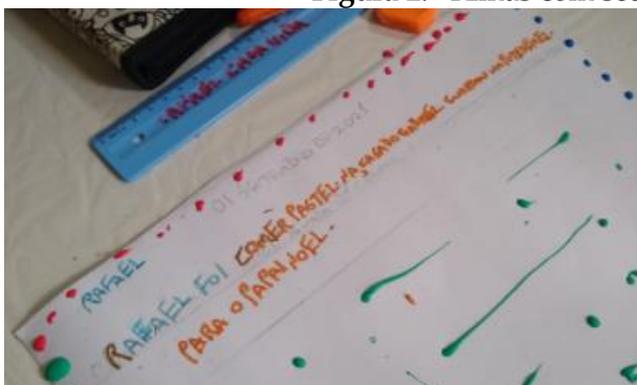
Em sequência, o próximo encontro a ser relatado foi o do dia 15 de setembro, quando se trabalhou a questão nominal do sujeito. Para isso, o professor refletiu sobre o conceito de nome próprio e sua escrita, trazendo isso de Gerber e Zanotti (2020, p. 68):

Lacan destaca que uma das características do nome próprio é a de se ligar ao traço de sua escrita, a essa marca. Portanto, o nome próprio enquanto marca ganha relevo em sua teoria não vinculada ao som - como propôs Gardiner -, mas à letra - como indica Mill.

Então, ao escrever seu próprio nome ou ao escutá-lo sendo chamado, a pessoa se entende como sujeito de diferentes formas. Nesse encontro, lemos conjuntamente “O Gigante sem nome”, de Maria Mazetti, edição de 1984. Como “A letra se faz um “suporte material do significante” (GERBER, ZANOTTI, 2020, p. 68), ou seja, auxilia na materialização da reflexão do sujeito, após tais reflexões, trabalhou-se com rimas utilizando seu nome escrito, em que cada letra deveria carregar uma palavra que tivesse significado para si.

Abaixo, nas figuras, é possível encontrar os textos e, ao lado, as transcrições:

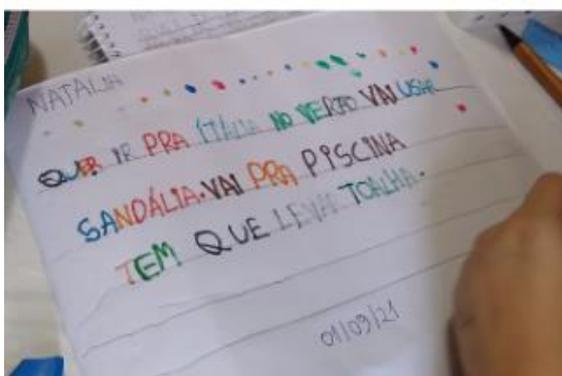
Figura 2: “Rimas com seu nome: Rafael”



Rafael
Foi comer pastel
Na casa do Gabriel
Guardou um pote de mel
Para o papai Noel.

Fonte: Produção textual dos estudantes, compilado pelo autor, 2022.

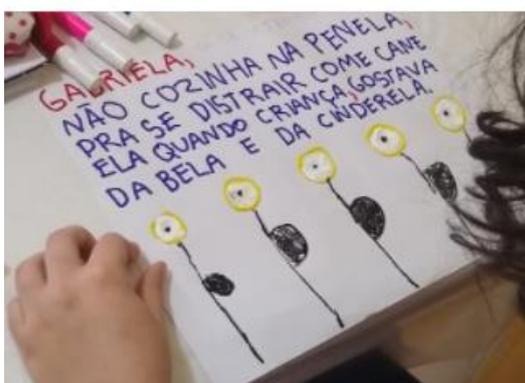
Figura 3: “Rimas com seu nome: Natalia”



Natalia
Quer ir pra Itália
No verão vai usar sandália
Vai pra piscina
Tem que levar toalha.

Fonte: produção textual dos estudantes da pesquisa, 2022.

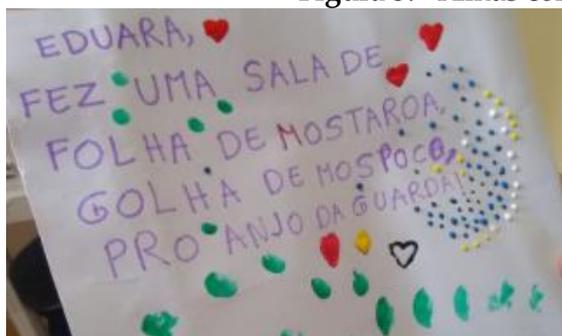
Figura 4: “Rimas com seu nome: Gabriela”



Gabriela
Não cozinha na panela
Pra se distrair come canela
Ela quando criança,
Gostava da Bela e da Cinderela

Fonte: produção textual dos estudantes da pesquisa, 2022.

Figura 5: “Rimas com seu nome: Eduarda”



Eduarda

Fez uma salada de folha de mostarda

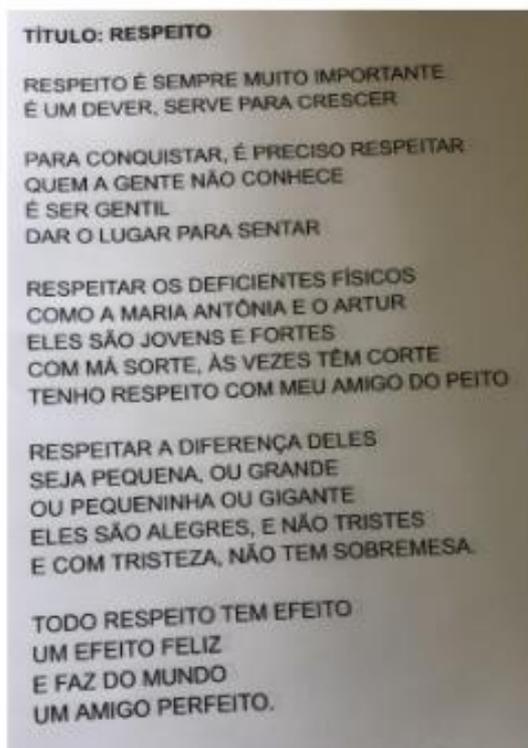
Guardou um pouco pro seu anjo da guarda

Fonte: produção textual dos estudantes da pesquisa, 2022.

O Espaço de Educação Terapêutica Casa Vida possui seu pilar em seis valores: respeito, empatia, parceria, pertencimento, resiliência e união. Com isso, em diversos encontros, desenvolveram-se poemas relacionados a essas temáticas. Para esses encontros, no lugar de textos já publicados, trabalhou-se com relatos orais. Cada aluno ficou responsável por um valor e, durante uma semana, conversaram em casa com familiares e via internet com os amigos e fizeram pesquisas *online* sobre o tema em debate. Assim, compartilharam em aula histórias que envolviam cada valor, comentaram nos grupos e escreveram um poema sobre ele.

Por conta do tamanho dessa escrita, foi escolhido apenas o tema “Respeito”, como pode se ver a seguir

Figura 6: Poema: Respeito



Título: Respeito

Respeito é sempre muito importante
É um dever, serve para crescer

Para conquistar, é preciso respeitar
Quem a gente não conhece
É ser gentil
Dar o lugar para sentar

Respeitar os deficientes físicos
Como a Maria Antônia e o Artur
Eles são jovens e fortes
Com má sorte, às vezes têm corte
Tenho respeito com meu amigo do peito

Respeitar a diferença deles
Seja pequena, ou grande
Ou pequeninha ou gigante
Eles são alegres, e não tristes
E com tristeza, não tem sobremesa

Todo respeito tem efeito
Um efeito feliz
E faz do mundo
Um amigo perfeito.

Fonte: produção textual dos estudantes da pesquisa, 2022.

Ao final do semestre, no último encontro, foi realizado o I Sarau Literário da Casa Vida, uma oportunidade para os alunos compartilharem seus resultados com seus familiares e amigos. O sarau contou com a apresentação de dois jograis (leituras em conjunto em voz alta) e com leituras individuais. O resultado foi positivo, empoderador e, conforme a Educação Terapêutica traz, desenvolveu o potencial de cada um, reconhecendo-os como sujeitos. Com isso, finaliza-se este relato pedagógico e seguimos as considerações finais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto buscou relacionar as práticas de Escrita Criativa em um Espaço de Educação Terapêutica com diversas bibliografias sobre o tema. Nesta seção, buscou-se relacionar as ideias propostas e apresentadas com o que se obteve ao realizar a disciplina.

Em Freire (1981), que trouxe a relação da leitura e da escrita como diretamente relacionadas, houve um resultado positivo na apresentação das temáticas da aula a partir de uma dinâmica de leitura que envolvesse o tópico da lição. Assim, os(as) estudantes familiarizaram-se com as temáticas de cada aula a partir de um resultado prático prévio, que auxiliou na nova produção textual proposta.

Em Freud ([1907] 1996), observamos que a escrita de um jovem adulto se relaciona com o brincar infantil. Assim, para um escritor criativo, há uma relação de prazer e imaginação direta com o ato de compor trabalhos literários. Com a oficina acontecendo em um Espaço de Educação Terapêutica que, como já apontado, é um conjunto de saberes psicanalíticos aplicados na educação, foram notados bons resultados.

Destarte, este relato pedagógico descreveu como se deu uma oficina de Escrita Criativa em um ambiente de Educação Terapêutica. O autor espera que inspire, de alguma forma, outros(as)icineiros(as) de EC a desempenharem atividades nesta área que vem ganhando muito espaço no Brasil nas últimas décadas. Desenvolver tanto a escrita como a criatividade com nossos(as) alunos(as) é um estímulo a suas potencialidades, ampliando suas visões sobre o mundo e os enxergando como sujeitos em sociedade.

REFERÊNCIAS

ASSIS BRASIL, L. A. de. **Histórico das oficinas literárias**. Disponível em: <http://www.laab.com.br/oficina.html>. Acesso em: 12 jan. 2022.

CALLEGARO, B. Em que consiste a atuação da educação terapêutica?. **Brasil, Arte Médica Ampliada**, vol. 34, n. 3, 2014.

DALMORO, R.; SILVEIRA, G. Educação Terapêutica: tratamento do Transtorno do Espectro Austista (TEA) a partir da inclusão escolar. **Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental**, Curitiba, Brasil, 2020.

DI NIZO, R. **Escrita Criativa: o prazer da linguagem**. São Paulo: Editora Summus, 2008.

FREUD, S. Escritores criativos e devaneios. *In*: FREUD, S. **“Gradiva” de Jensen e outros trabalhos (1906-1908)**. Edição Standard Brasileira, vol. IX, Rio de Janeiro: Editora Imago, Brasil, 1996. p. 78-85.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez Editora, Brasil, 1981.

GERBER, K.; ZANOTTI, S. Nome próprio: influências teóricas e incidências clínicas da nomeação na obra de Lacan. **Tempo Psicanalítico**, v. 52.1, Brasil, 2020.

KUPFER, M. C. Educação Terapêutica: o que a Psicanálise pode pedir à educação. **Revista Estilos da Clínica (USP)**, vol. 2, n. 2, Brasil, 1997.

LAMAS, B.; HINTZ, M. **Oficina de criação literária: um olhar de viés**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

MACHADO, S. **A Escrita Criativa no 1º Ciclo**. Repositório comum: Instituto Politécnico de Beja, 2012.

MATIAS, J. **Como desenvolver a criatividade?**. 2007. Disponível: <http://www.josematias.pt/TemasTecnodid/DesenvolverCriatividade.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2022.

SIQUEIRA, Y. **Oficina literária de escrita criativa**. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória, 2016. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/9237>. Acesso em: 12 jan. 2022.